

EDITORIAL

DOSSIÊ: **Vozes Femininas das Margens: manifestações simbólicas na literatura e noutras mídias**

A proposta do dossiê Vozes Femininas das Margens: manifestações simbólicas na literatura e noutras mídias se fez como forma de sistematizar a discussão sobre manifestações simbólicas que se expressam no contrafluxo do patriarcado contemporâneo, sobretudo a partir da realidade brasileira, embora, como bem verão os leitores e leitoras, a ela não se limite. O debate nas diversas áreas por nós provocado buscou – em conformidade com a interdisciplinaridade que marca nosso programa de pós-graduação em stricto sensu – na literatura, nas multimídias e na cultura, enfim, em diversos processos enunciativos, as vozes femininas que se contrapõem aos cânones historicamente estabelecidos como hierarquizações de gênero, etnia e/ou classe social, embrincados em um jogo de poder e domínio político e cultural que oprimem o “feminino”.

Os textos aqui selecionados demonstram que a nossa provocação propiciou o debate fecundo em diversas formas discursivas: interlocuções literárias, midiáticas e intersemióticas, o que torna possível vivenciar não só as expressões de multiplicidade das vozes femininas, mas, também, as manifestações de alteridade, balizamentos de sujeitos, bem como nas relações socioculturais tensas e nem sempre dialógicas que são exercidas, nos dias de hoje, como opressão e domínio.

Este dossiê de Asas da Palavra, portanto, toma em suas mais diversas formas, expressões de gênero e sexualidade, concretizadas nas formas mais diversas, a se perceberem, de imediato, nos estudos das narrativas de Lygia Fagundes Telles e o feminino em “O Jardim Selvagem”, presente em Antes do Baile Verde, no qual o espaço ocupado pelo feminino, com figurações por vezes irônicas, que, ao mesmo tempo em que representam situações marcantes, põe em discussão as relações de gênero e papéis sociais predefinidos e hierarquizados.

Nosso “roteiro de leitura” segue a prescrutar as vozes que elidem da narrativa de interculturalidade, demarcada pela identidade na produção literária macaense. Estamos diante de “Figuração da mulher nos contos macaenses de Conceição Ondina Braga e Senna Fernandes”, em que a ficção nos séculos XIX e XX, traz à tona uma espécie de imaginário determinante, via a obra literária em confluência com a ideia ampla e, de certa forma, marcada pela anticolonialidade da lusografia.

Saimos da “China que escreve em língua portuguesa” e aportamos na região do grande rio das Amazonas para, assim, refletir sobre as sinfonias de vozes femininas, articuladas pelo escritor paraense Dalcídio Jurandir a partir das artimanhas de Dona Cecé, personagem do romance Passagens dos Inocentes, que luta para sobreviver ao patriarcado da sociedade suburbana da Belém de então que, se calhar, não mudou significativamente nos dias atuais.

Avança-se, “página a página” na investigação sobre a narrativa de testemunho ficcional em A Costa dos Murmúrios, de Lídia Jorge, escritora contemporânea portuguesa. Nela observa-se a vivência das mulheres lusitanas em meio às experiências dolorosas da guerra. Temos aqui um ensaio que analisa, na perspectiva feminina, a guerra colonial, através da trajetória da personagem Eva Lopo, que nos obriga a colocar em xeque os conflitos, as disputas e os interesses do imperialismo luso em África. Eis um texto tocante, que se constitui como um manifesto de humanidade.



Destacando-se a importância de valorização das diversas formas de resistência, faz-se fundamental agregar as vozes, através da pesquisa/ação educativa, que são estudadas no sistema formal de ensino universitário. Assim é que temos aqui “(Re) conhecendo as mulheres na literatura brasileira: relato de um projeto”, um roteiro instigante de experiências vivenciadas na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Leremos, com entusiasmo, uma prática que ressignifica a literatura produzida pelas novas escritoras brasileiras, o que, salvo engano, ajuda a redimensionar o cânone literário brasileiro e, efetivamente, contrapõe-se ao apagamento das vozes femininas na nossa literatura.

Não menos fascinante é o texto que coloca em debate o movimento da poesia das periferias latino americanas, em “Os slams de poesia de mulheres: vozes femininas decoloniais”. Neste ensaio percebemos uma aproximação entre ações ocorridas no México e no Brasil. Esta ponte aproximativa entre dois importantes países, evidencia a poesia como intervenção contra a violência em relação à mulher. É “literatura oral” explicitada na luta contra as sociedades patriarcais, racistas, misóginas, xenófobas, entre outras.

Deslocamos nosso foco da literatura para as artes visuais na indústria cultural. Estamos a nos referir sobre “Patriarcado em Arte – a Ilustração do Feminino na Contemporânea Indústria Cultural”, que explicita uma análise, ao mesmo tempo lúcida e provocativa, em relação à representação feminina nas artes plásticas.

Avança-se mais e voltamos à literatura, especialmente aos interstícios da narrativa literária no estudo “Beleza, Para Quem? Uma Alegoria da Condição Feminina em Astrid Cabral”. Trata-se de uma análise da condição feminina em contraponto aos padrões de beleza e às relações de poder daí advindas, em sociedades atuais, pautadas mais na aparência do que na essência. Este ensaio, portanto, expõe os mecanismos sociopolíticos de imposição, submissão de gênero, contra os quais a arte literária se insurge.

Esta edição, como não podia deixar de ser, propicia um texto singular, quando a música se fez presente, estética e culturalmente, na linha da diversidade e respeito inter-religioso, em “A Mulher Pombagira: uma Análise Comparativa entre Pontos Umbandistas”. É quando atestamos a relação da fala das Pombogiras nas narrativas expostas pelas canções “Marias” (2018) e “Moça Bonita” (2019), interpretadas por Rita Benneditto, expressão da liturgia da Umbanda, religião afro brasileira, atravessada pelos chamados de energia, vontades, desejos e, por que não dizer, axé.

Unir as ações da língua e da história em suas representações na “Da Ordem Unida ao Espírito de Corpo: o feminino no discurso policial Militar” comprova na materialidade discursiva as representações ideológicas e os processos identitários dos sujeitos constituídos por uma posição e uma formação sócio-histórica nas corporações militares e seus métodos disciplinadores e repressores.

Nosso dossiê testemunha também uma reflexão em que a discriminação de gênero é colocada em xeque em “O Nascimento de uma Fabulação” – eis um ensaio que depura o debate sobre a divisão sexual do trabalho doméstico. Respalado em conceitos como performance de gênero (Butler) e devir mulher (Deleuze), temos a expressão da arte e seus métodos de efabulação explicitados em pesquisa de experimentação estética. Um texto que mexe com nossos sentidos e faz refletir acerca de nossos dilemas sociais que não estão apartados do fazer estético.

Se toda tradução “tem um quê de traição”, o que dizer de um trabalho de adaptação? Conheçamos o que se dá no ensaio que estuda a adaptação intersemiótica do poema intitulado “For women who are difficult to love” (“Para mulheres que são difíceis de amar”), de Warsan Shire, feita por Beyoncé no segundo capítulo de seu vídeo ‘Lemonade’. Com habilidade, o entrançado teórico traz à cena teóricos como Linda Hutcheon, Gerard Genette e Ana Balogh. Eis “Warsan Shire e Beyoncé: um Estudo Comparativo” que explicita estratégias para estudar o comportamento de Beyoncé, estrela do pop music, que, habilmente, recriou no clip ‘Lemonade’, o poema “Mulheres são difíceis de amar”, de Warsan Shire. Esta recriação reflete o posicionamento político social da mulher na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo que desconstrói a ideia de que o pop é alienante e massificador.

Mais à frente contactamos com expressões anticanônicas, mas não menos instigantes, nas narrativas das HQs Katara e a Luta Anti-Patriarcal em “A Lenda De Aang”, baseado na personagem Katara, coprotagonista do desenho animado “Avatar: A Lenda de Aang”, que desenvolve uma visão feminista sobre sua representação e luta antipatriarcal em uma narrativa midiática que é atravessada por heróis e vilões.

E a proposta deste dossiê se completa com duas resenhas, uma em português, outra em inglês, muito lúcidas e pertinentes que, a despeito de toda a clareza didática, apontam aos nossos leitores e leitoras caminhos para se mergulharem em temáticas tão desveladoras quanto fascinantes; estamos a tratar de “Lugar de Fala de Djamila Ribeiro” e “Night Sky With Exit Wounds, por Ocean Vuong”. Tratam-se de convites à leitura necessárias.

E descerramos nosso dossiê sobre vozes femininas em contraponto ao patriarcado com um excerto do poema “Tempos de cóleras”, de Roberta Tavares, poeta paraense contemporânea, uma das vozes mais fecundas que a Amazônia está a produzir, e com ela consagramos nossa tomada de posição que investe em uma sociedade diversa, igualitária, e livre de opressões de gênero e etnias:

Essa noite me disseram muitas coisas
sobre tempo de cóleras
me disseram que em tempos assim
é vergonhoso lágrimas descerem do rosto

Em tempos de cóleras
amor é um sortilégio inalcançável & vão
vidros estilhaçados em nossos olhos

Em tempos de cóleras
esse fio de angústia atravessado
na garganta é incurável e sangra como
útero eternamente contorcido descamando
Carnes feridas vivas]

Em tempo de cóleras
o silêncio é amargo
& grafado em nosso corpo
como cicatriz para nos fazer
lembrar que é tempo de cóleras
(...)

Eis mais uma contribuição acadêmica à lucidez e ao debate.

Belém, Pará, Amazônia, Brasil, 2021.

Analaura Corradi e Paulo Nunes
Organizadores do Dossiê Vozes Femininas das Margens: manifestações
simbólicas na literatura e noutras mídias.